



Raio X do Investidor Brasileiro

4ª edição





2 - Introdução



3 - Um pouco de metodologia



4 - O brasileiro e o dinheiro em 2020



10 - Os investidores brasileiros



22 - Os não investidores brasileiros



25 - Aposentadoria



29 - Big Three



34 - Conclusão



38 - Expediente



Introdução

A quarta edição da pesquisa Raio X do Investidor Brasileiro ganha caráter único em função do período que retrata. O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de coronavírus, que mudou o mundo, com impacto sobre os negócios e a dinâmica de consumo e renda, entre tantos outros aspectos. Soma-se a isso o ambiente de juros baixos que prevaleceu ao longo de todo ano.

Foi neste contexto que os dados desta edição da pesquisa foram coletados. E eles refletem essas circunstâncias. A pandemia mudou os hábitos das pessoas, provocou perda de renda para parte da população e levou outra parcela a gastar menos. Os juros baixos, por sua vez, estimularam a migração para produtos financeiros mais arriscados, o que contribuiu para aumentar o conhecimento do brasileiro sobre esses investimentos.

Tudo isso se refletiu na forma como as pessoas economizaram, no destino que deram para esse dinheiro e na percepção que têm quanto a guardar recursos para o futuro. Em 2020, o número de investidores caiu pela primeira vez desde que a pesquisa é feita. O recuo foi puxado pela saída da classe C. Também pela primeira vez a poupança perdeu adeptos, enquanto todos os outros produtos financeiros foram mais utilizados. A quarta edição do Raio X do Investidor descortina esses movimentos e traz informações que podem ajudar a entender melhor como as pessoas se relacionam com dinheiro.

Conhecer as motivações e o comportamento do investidor ajuda o mercado a entender os seus públicos e a desenhar estratégias mais personalizadas. Por isso, a ANBIMA, como porta-voz do mercado de capitais, tem conduzido uma série de pesquisas qualitativas e quantitativas com foco no investidor. O Raio X é uma delas, que agora chega à quarta edição, sempre em parceria com o Datafolha.

A seguir, você conhece a pesquisa com dados de 2020, coletados entre novembro e dezembro por meio de 3.408 entrevistas, abrangendo as cinco regiões do Brasil.

O material completo está à disposição dos associados e de toda a sociedade [clikando aqui](#).

Boa leitura!



Um pouco de metodologia

Sob o impacto da pandemia de Covid-19, as pesquisas de mercado e de opinião também precisaram se adaptar. Uma vez que o distanciamento social impossibilitou os trabalhos em campo, esta quarta edição do Raio X do Investidor Brasileiro foi conduzida a partir de entrevistas por telefone.

Foram ouvidas 3.408 pessoas em todo o País, nas cinco regiões, todas com 16 anos ou mais, das classes A, B e C, economicamente ativas, aposentadas ou que vivem de renda. Estima-se que esse perfil corresponda a 103,5 milhões de habitantes. Cada entrevista teve duração de aproximadamente 21 minutos.

O levantamento foi realizado entre os dias 17 de novembro e 17 de dezembro de 2020. A margem de erro máxima para o total da amostra é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.





O brasileiro e o dinheiro em 2020

No total da amostra da população brasileira, encontramos pessoas que investem em produtos financeiros e outra parcela que direcionara recursos para imóveis, estudos ou negócio próprio. Para efeito deste levantamento, foi isolada a população que investe em produtos financeiros. É a partir dela que é traçado o **perfil do investidor**, que corresponde a 40% da amostra. O perfil de cada um deles está resumido a seguir.

100% da população

53% Homens  47% Mulheres 



Média de 41 anos





46% Sudeste

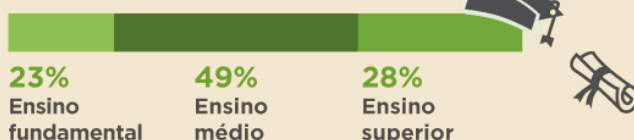
- 18% Nordeste
- 15% Sul
- 13% Centro-Oeste
- 8% Norte



23% Ensino fundamental

49% Ensino médio

28% Ensino superior  



R\$ 5.100,00
Renda familiar média

5% Classe A
32% Classe B
64% Classe C



87% Trabalham e têm atividade remunerada

28% Assalariados registrados
13% Freelancers
10% Desempregados

Base: Total da Amostra - 2020: 3.408 (2 p.p) INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) NÃO INVESTIDORES - 2020: 1.672 (2 p.p) entrevistas



O brasileiro e o dinheiro em 2020

Os **investidores** têm forte presença no Sudeste (48% deles estão lá) e uma participação grande da classe B. No entanto, a classe C prevalece, a exemplo do perfil da população brasileira como um todo.

40% dos brasileiros são investidores

55% Homens  45% Mulheres 



Média de **42 anos**



48% Sudeste

- 17% Nordeste
- 15% Sul
- 14% Centro-Oeste
- 6% Norte



15% Ensino fundamental

43% Ensino médio

42% Ensino superior



R\$ 7.100,00
Renda familiar média

8% Classe A
44% Classe B
48% Classe C



86% Trabalham e têm atividade remunerada

33% Assalariados registrados
15% Freelancers
7% Desempregados

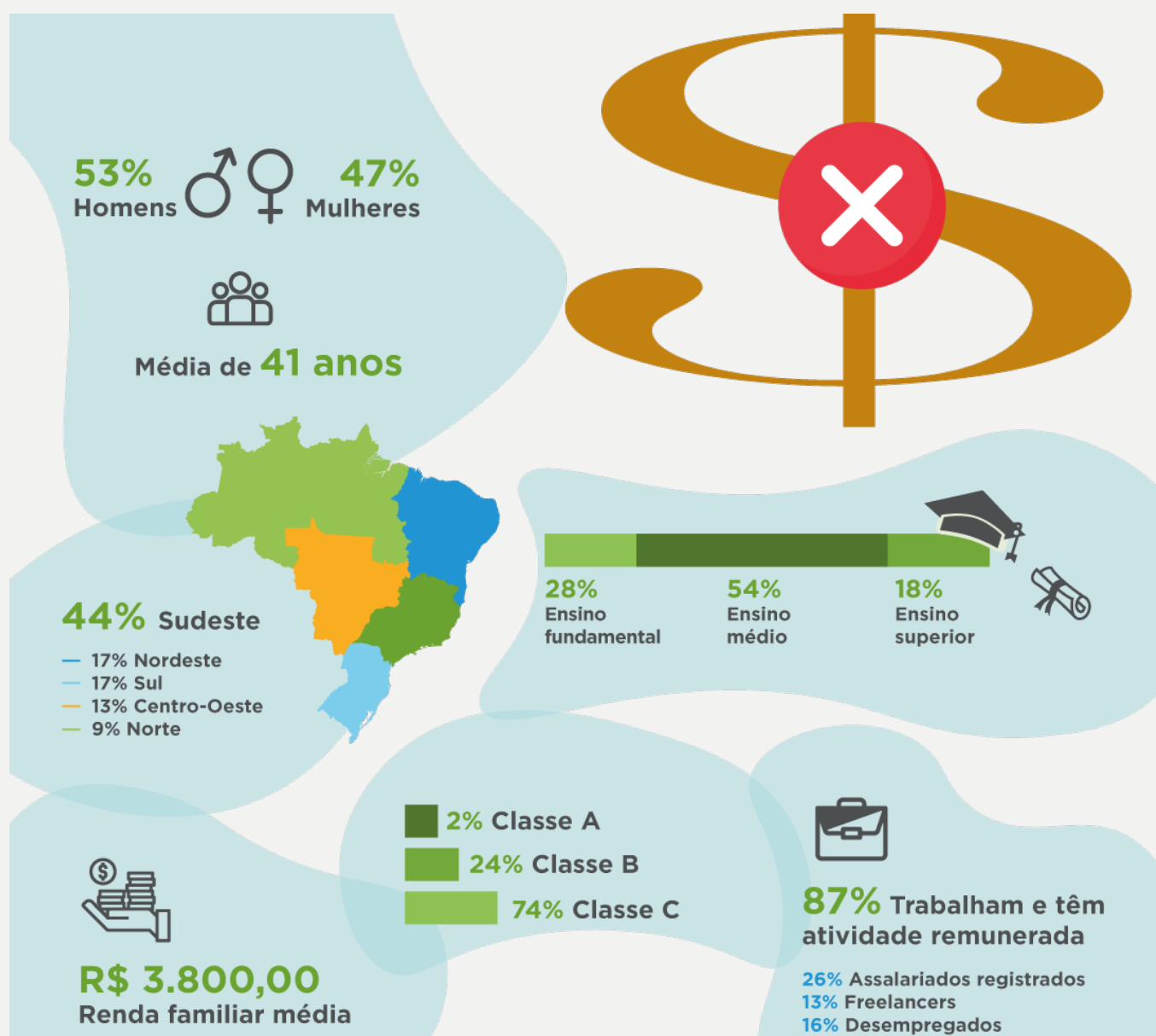
Base: Total da Amostra - 2020: 3.408 (2 p.p) INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) NÃO INVESTIDORES - 2020: 1.672 (2 p.p) entrevistas



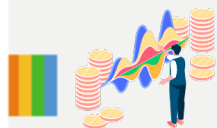
O brasileiro e o dinheiro em 2020

De maneira geral, os **não investidores** estão concentrados na classe C, faixa de renda que responde por 74% do conjunto da população brasileira que encerrou 2020 sem nenhum dinheiro investido. A maioria (54%) tem ensino médio e encontra-se dispersa pelas várias regiões do País, ainda que, individualmente, a região Sudeste responda por 43% dos não investidores.

60% não investidores



Base: Total da Amostra - 2020: 3.408 (2 p.p) INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) NÃO INVESTIDORES - 2020: 1.672 (2 p.p) entrevistas

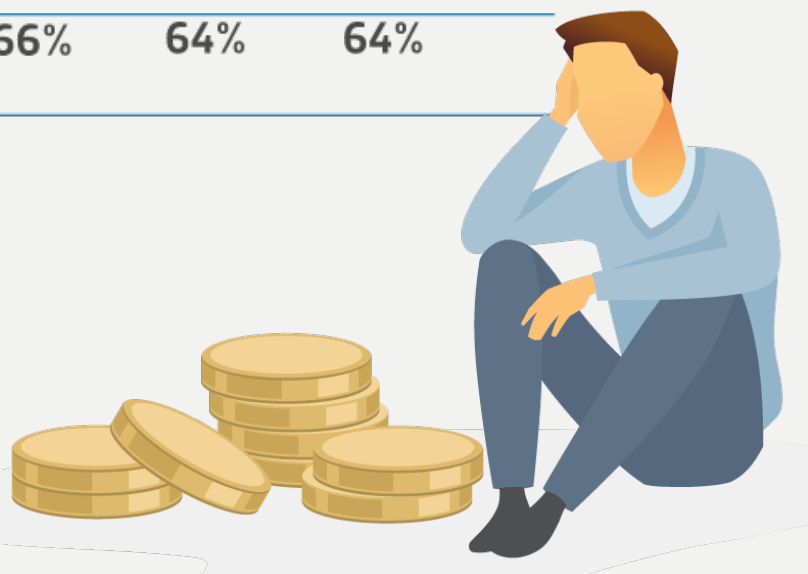


O brasileiro e o dinheiro em 2020

Os dados mostram **queda no número de investidores** pela primeira vez em quatro anos. Eles eram 44% da amostra em 2019, depois de um crescimento gradativo nas três primeiras edições do Raio X.

Números de investidores cai pela primeira vez

| | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 |
|------------------|-------|-------|-------|-------|
| Total da amostra | 3.374 | 3.451 | 3.433 | 3.408 |
| Investidores | 42% | 42% | 44% | 40% |
| Não | 56% | 56% | 55% | 60% |
| Homens | 53% | 52% | 54% | 53% |
| Mulheres | 47% | 48% | 46% | 47% |
| Classe A | 4% | 4% | 5% | 5% |
| Classe B | 30% | 30% | 31% | 32% |
| Classe C | 66% | 66% | 64% | 64% |





O brasileiro e o dinheiro em 2020

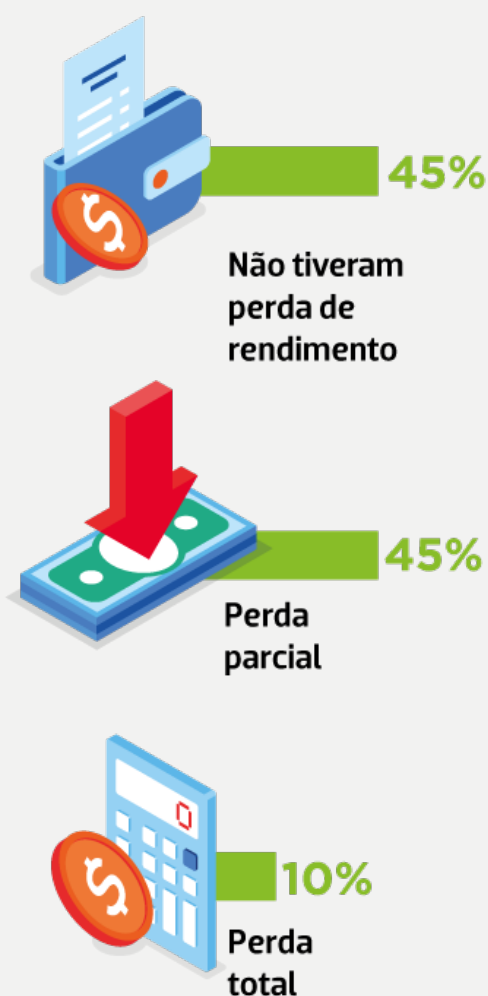
Interferência da pandemia no emprego e na renda

É inquestionável que a pandemia impactou o bolso do brasileiro. A pesquisa identificou que 55% da população teve perda de rendimento ao longo de 2020.

Desse universo, 45% registraram perda parcial e 10%, total. Para 45% da amostra não houve alteração. A **perda de rendimento** foi maior que a de emprego, que impactou 31% dos domicílios estudados.

A classe C respondeu pela maior parcela de brasileiros impactados pela queda na renda: 58% do total, seguida da classe B (52%) e da classe A (43%). A mesma distribuição se dá quanto à perda do emprego: 37% dos impactados estão na classe C. Na classe B foram 22% e na classe A, 13%.

Perda de rendimento





O brasileiro e o dinheiro em 2020

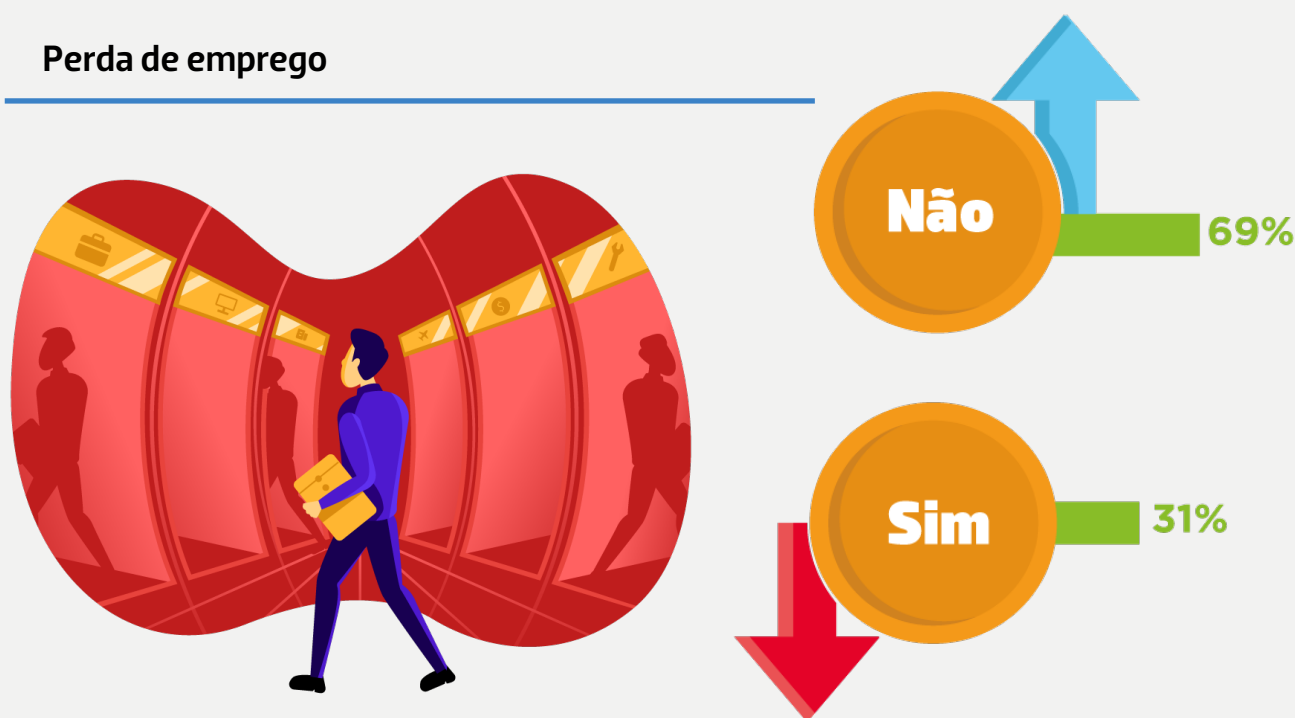
É interessante notar que a perda de emprego e renda foi maior entre as pessoas classificadas como não investidoras. Entre os investidores, 50% do total da amostra conseguiram **manter a renda** (contra 41% dos não investidores). A **perda de emprego** no domicílio afetou 36% dos não investidores e apenas 24% daqueles que tinham investimentos.

A pesquisa identificou que quase 20% da população brasileira precisou se descapitalizar, se endividar ou vender algum bem durante a pandemia para honrar seus compromissos financeiros. Tais movimentos foram medidos apenas entre aqueles que não guardaram nenhum dinheiro em 2020. Dentre essas pessoas, boa parte recorreu à **reserva de emergência** para ajudar a pagar as contas.

O levantamento mostra que 12% da população – o equivalente a cerca de 12,5 milhões de pessoas – retirou dinheiro de aplicações financeiras ou outras reservas para conseguir fechar as contas.

Outros 11% pediram empréstimo, usaram o cheque especial ou o rotativo do cartão em momentos de emergência. Enquanto 5% venderam algum bem para fazer caixa no ano passado. As classes A e B foram as menos atingidas pela crise, enquanto a classe C foi a que mais precisou recorrer a venda de bens ou a pedidos de empréstimos.

Perda de emprego





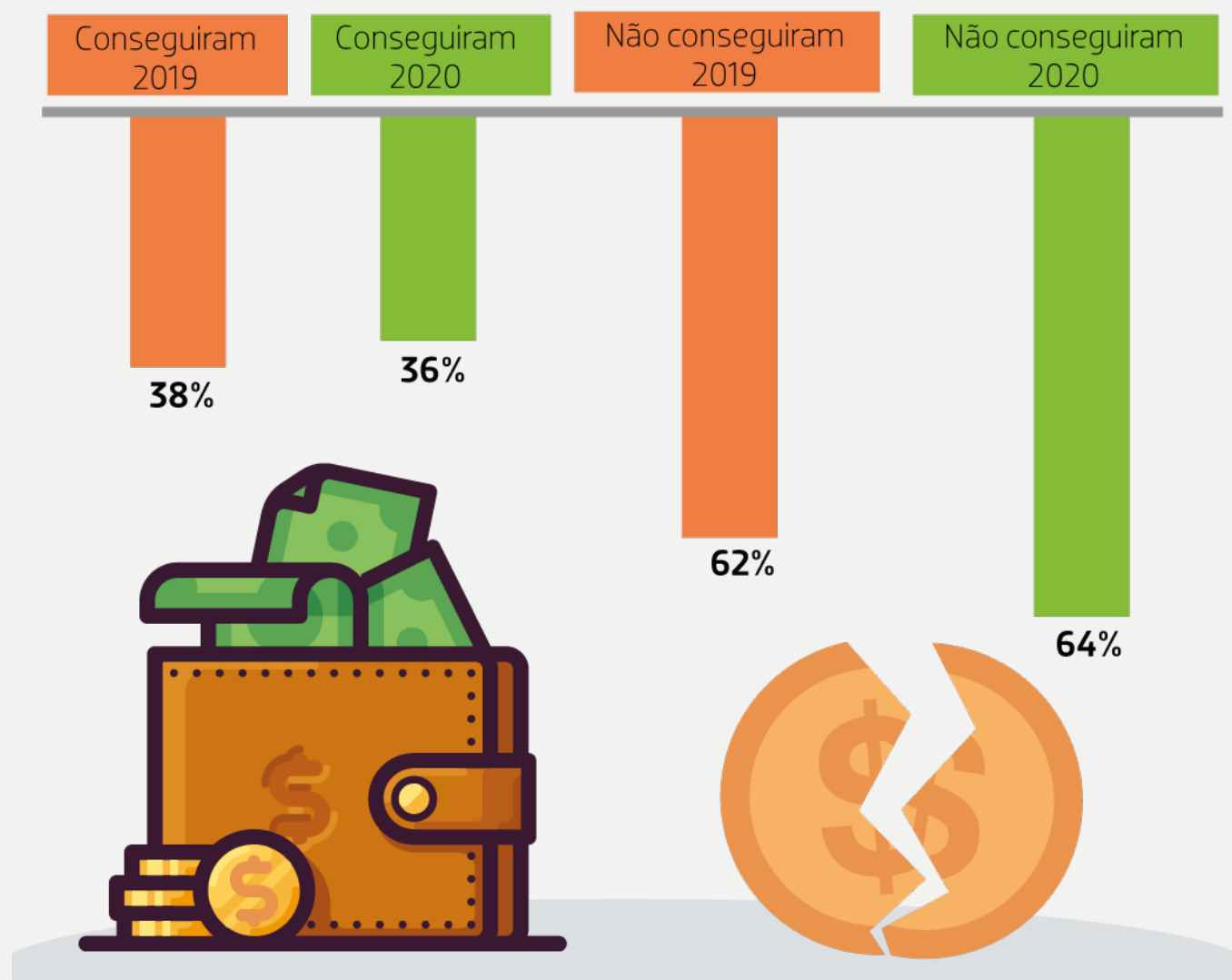
Os investidores brasileiros

Quem economizou em 2020

Trinta e seis por cento dos entrevistados conseguiram economizar algum dinheiro em 2020. Apesar de indicar queda de dois pontos em relação a 2019, o número fica acima do apurado nos anos de 2017 e 2018. Isso indica que a **pandemia** interferiu nas economias de parte da população, mas uma parcela significativa teve fôlego para guardar dinheiro.

Entre os brasileiros que **guardaram dinheiro** prevalecem os pertencentes às classes A (70%) e B (47%). São predominantemente do sexo masculino e têm entre 16 e 24 anos.

Brasileiros que conseguiram economizar





Os investidores brasileiros

De onde veio o dinheiro economizado em 2020

A **redução dos gastos** com viagens, festas, idas a bares e restaurantes foi a principal fonte de economia de quem conseguiu guardar dinheiro em 2020, o que indica uma formação de poupança em razão da mudança de hábitos durante o isolamento. Para 56% das pessoas que declararam ter economizado, essa foi uma das fontes de recursos. Um ano antes, quando não havia pandemia, apenas 34% das pessoas que economizaram apontaram essa redução de gastos como origem dos recursos poupados.

O impacto da pandemia e do distanciamento social sobre a forma como os brasileiros economizaram dinheiro foi tão significativo a ponto de 7% afirmarem que guardaram porque **"não tinham onde gastar"**.

Como o brasileiro conseguiu economizar em 2020



Deixei de sair (ir a festas, viajar, beber, fumar, usar o carro)

2020 - 56%

2019 - 34%

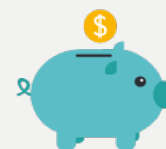
↑ +22p.p.



Evitei compras desnecessárias

2020 - 24%

2019 - 47%



Guardei uma parte do salário todo mês

2020 - 11%

2019 - 35%



Controlei as despesas

2020 - 19%

2019 - 34%



Trabalhei mais

2020 - 7%

2019 - 22%

Total da amostra: **2020** - 3.408 / **2019** - 3.433 / **2018** - 3.452 / **2017** - 3.374.



Os investidores brasileiros

A segunda maior fonte de economia em 2020 foi a não realização de compras desnecessárias, apontada por 24% das pessoas que conseguiram guardar algum dinheiro. Em 2019, o item liderava entre os gatilhos para poupança, com 47% das respostas.

O controle das despesas e a reserva de parte do salário do mês vieram na sequência, apontados por 19% e por 11%, respectivamente, como formas de economizar em 2020. Ambos apresentam queda em relação ao levantamento anterior, quando os dois itens foram apontados como justificativas para a economia por 34% e 35%, respectivamente, das pessoas que guardaram algum dinheiro em 2019.





Os investidores brasileiros

Para onde foi o dinheiro economizado em 2020

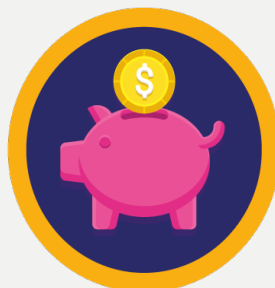
A pesquisa mostra que os **produtos financeiros** foram o principal destino do dinheiro economizado pela população no ano passado, com ganho de participação nas classes A e B, e estabilidade na classe C.

Aplicou em produtos financeiros



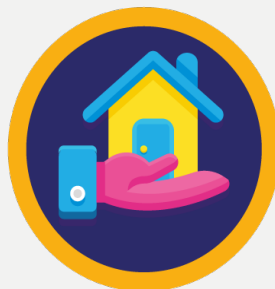
53%
↑+11 p.p.

Guardou em casa/
no colchão



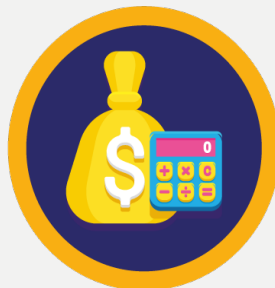
7%
↑+2 p.p.

Comprou um imóvel/
casa própria/terreno



7%

Pagou dívidas



6%
↑+2 p.p.

Reformou/construiu
uma casa/ comprou
material de construção



5%

Base: Total da Amostra – 2020: 3.408 (2 p.p) | 2019: 3.433 (2 p.p) | 2018: 3.452 (2 p.p) | 2017: 3.374 (2 p.p.) entrevistas.



Os investidores brasileiros

Dentre os brasileiros que economizaram em 2020, 53% colocaram o dinheiro em **produtos financeiros**, ou 11 pontos percentuais a mais do que o levantamento anterior. Pela primeira vez, essa opção ultrapassou a soma de todos os outros destinos dados para as economias.

Também pela primeira vez a **caderneta de poupança perdeu espaço**. Ela continua, no entanto, como o investimento preferido: é utilizada por 29% dos investidores, mas com uma queda de oito pontos percentuais em relação a 2019. Os demais produtos financeiros tiveram alta em 2020, com destaque para **títulos privados**, que ganharam três pontos em relação ao ano anterior, passando a ser utilizados por 5% dos investidores.

Os **fundos** também conquistaram mais adeptos no ano passado: 5% dos investidores indicaram o produto como destino para suas economias, frente a 3% no ano anterior.



O maior uso dos produtos financeiros foi liderado pelas classes A e B em 2020: 48% dos brasileiros da classe A escolheram produtos financeiros como destino para suas economias, universo que aumentou 20 pontos percentuais em relação a 2019. Entre os brasileiros da classe B, o crescimento foi de 8 pontos, passando de 21% para 29%. Na classe C, a preferência por produtos financeiros manteve-se em 13%.

O segundo destino preferido dos brasileiros para as suas economias em 2020 foi a compra da **casa própria** ou de terrenos, indicada por 7%, mesmo percentual que guardou o dinheiro em casa ou "no colchão". Cresceu o número de pessoas que usou as economias para **pagar dívidas**: 6% dos que economizaram usaram o dinheiro para essa finalidade, frente a 4% em 2019.



Base: Total da Amostra – 2020: 3.408 (2 p.p) | 2019: 3.433 (2 p.p) | 2018: 3.452 (2 p.p) | 2017: 3.374 (2 p.p.) entrevistas.



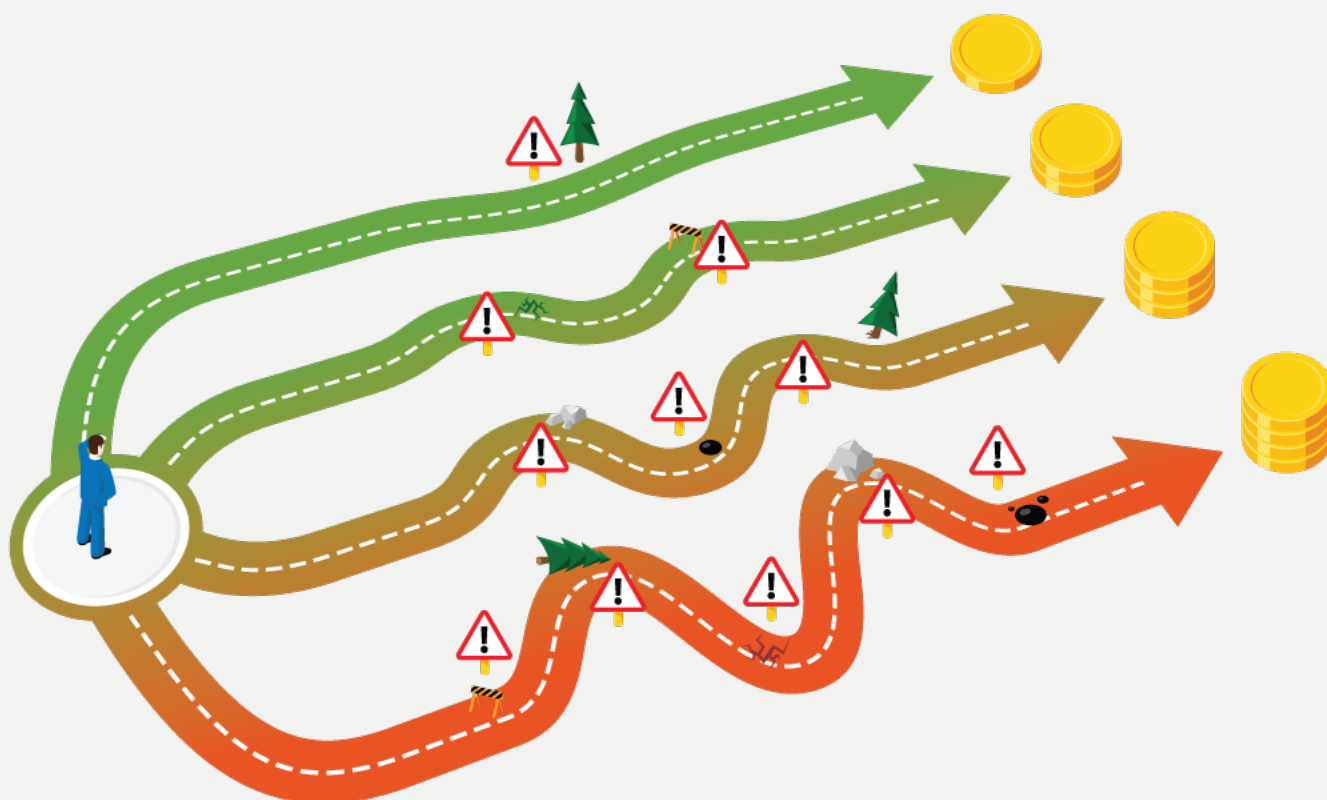
Os investidores brasileiros

Motivações para aplicar em produtos financeiros

A pesquisa também identifica o que motiva a escolha dos produtos financeiros como destino para as economias. O **retorno** lidera as menções, com 38% da preferência, seguido da **segurança/confiança** (28%). A **facilidade/comodidade** foi citada como motivação por 21% dos entrevistados que investem ou pretendem investir em produtos financeiros.

Entre os produtos percebidos como de maior retorno, foram citadas as moedas estrangeiras (78%), ações e planos de previdência privada (ambos com 71%), moedas digitais (58%), fundos de investimento (57%), títulos públicos (51%) e privados (50%).

A poupança perde nas menções quanto a retorno, mas é mais bem avaliada nos quesitos facilidade, comodidade e segurança/confiança.



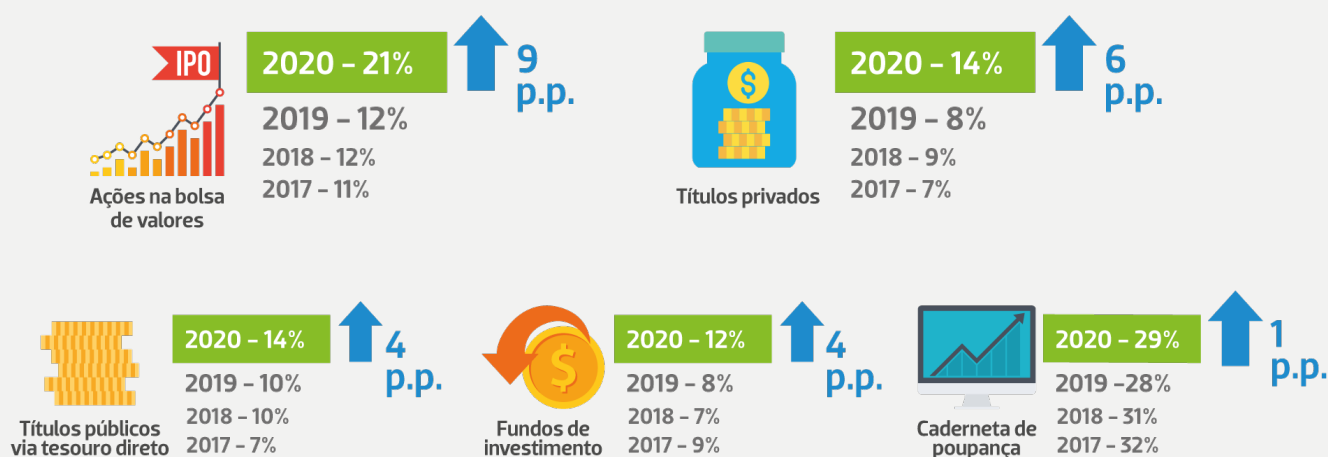


Os investidores brasileiros

Os produtos financeiros que o brasileiro conhece

Cresceu o conhecimento do brasileiro em relação aos principais produtos financeiros disponíveis no mercado. O aumento foi registrado tanto nas respostas espontâneas (quando não são dadas alternativas) como nas estimuladas (quando é oferecida uma lista de opções ao entrevistado).

Conhecimento espontâneo sobre os investimentos que existem no mercado atualmente



Base: Total da Amostra – 2020: 3.408 (2 p.p) | 2019: 3.433 (2 p.p) | 2018: 3.452 (2 p.p) | 2017: 3.374 (2 p.p) entrevistas

A **caderneta de poupança** mantém a liderança nos dois casos, alcançando um índice de 89% de conhecimento geral. A taxa indica estabilidade em relação aos anos anteriores. Em contrapartida, houve um aumento significativo nas citações espontâneas de outros produtos em relação a 2019. Em 2020, o conhecimento quanto a ações (21%) subiu 9 pontos percentuais, enquanto títulos privados aumentou 6 pontos e títulos públicos e fundos de investimentos ganharam 4 pontos na escala de conhecimento espontâneo.

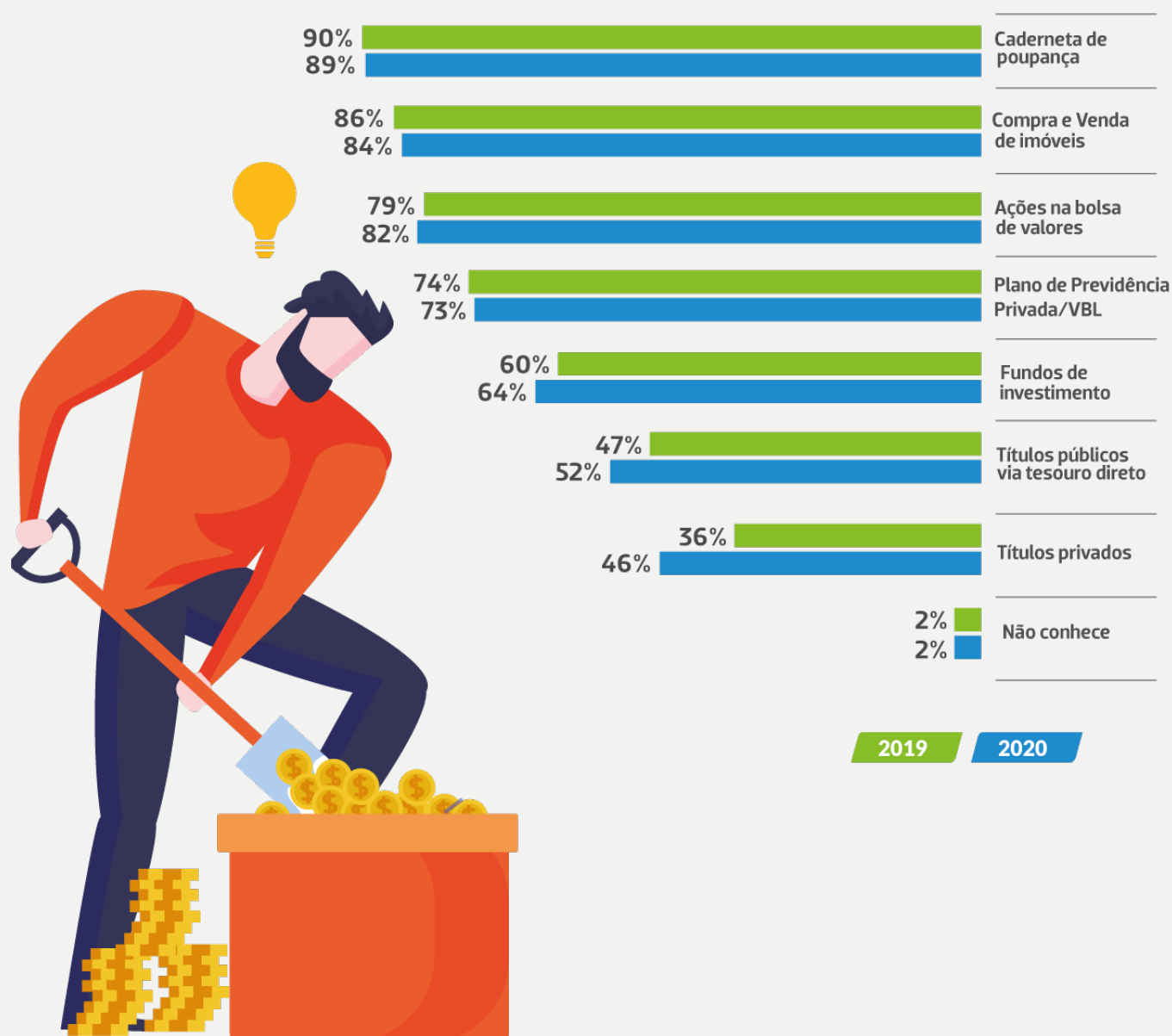




Os investidores brasileiros

Pela primeira vez, o conhecimento geral em relação a ações rompeu os 80%, ficando em 82%, sete pontos abaixo da poupança. Na sequência, o produto financeiro mais conhecido dos brasileiros é a previdência privada (com índice de conhecimento de 73%), acompanhada de ouro (71%) e de moedas estrangeiras (70%). Os fundos de investimentos tornaram-se mais conhecidos, com um índice de conhecimento geral de 64%, o maior nos quatro anos da pesquisa. Em média, cada entrevistado informou conhecer 7,7 tipos de investimentos em 2020, praticamente em linha com os 7,6 registrados no ano anterior.

Conhecimento geral sobre os investimentos que existem no mercado atualmente



Base: Total da Amostra – 2020: 3.408 (2 p.p) | 2019: 3.433 (2 p.p) | 2018: 3.452 (2 p.p) | 2017: 3.374 (2 p.p).



Os investidores brasileiros

O que esperar para 2021

A pesquisa indica crescimento na intenção de **migrar para produtos não financeiros** em 2021. É o que mostra o saldo entre investidores e não investidores quando questionados em quais produtos pretendem investir ou continuar investindo em 2021.

Entre os investidores, que compõem 40% da amostra total, 26% dizem querer **continuar investindo** em produtos financeiros. O percentual corresponde a um universo de 27 milhões de pessoas. Outros 9% não pretendem investir em 2021 e 4% indicam migração para produtos não financeiros.

Em contrapartida, 10% dos não investidores (algo em torno de 11 milhões de pessoas) pretendem investir no mercado financeiro. No final das contas, o saldo para produtos financeiros é negativo em 3%, o que equivale a cerca de menos 3 milhões de pessoas investindo em produtos financeiros.

Investidores querem migrar para produtos não financeiros



- Investidores que afirmaram querer migrar para produtos não financeiros no ano seguinte ou pretendem deixar de investir
- NÃO investidores que afirmaram querer migrar para produtos financeiros no ano seguinte

Base: Total da Amostra – 2020: 3.408 (2 p.p) | 2019: 3.433 (2 p.p) | 2018: 3.452 (2 p.p) | 2017: 3.374 (2 p.p) entrevistas.



Os investidores brasileiros

Para onde foi o dinheiro economizado em 2020

Em 2020, pela primeira vez, manter o dinheiro aplicado para **situações de emergência** como intenção de uso assumiu a primeira colocação (27%), com aumento de 10 pontos percentuais em relação a 2019 (17%). O dado aponta o crescimento da consciência sobre guardar dinheiro como garantia de segurança financeira.

Também pela primeira vez, a intenção de investir em **imóveis** caiu e ocupa o segundo lugar com 26%, ou 9 pontos a menos do que em 2019 (35%).

Destino que dará para o retorno das aplicações



Base: INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) | 2019: 1.506 (3 p.p) | 2018: 1.446 (3 p.p) | 2017: 1.411 (3 p.p.) entrevistas.



Os investidores brasileiros

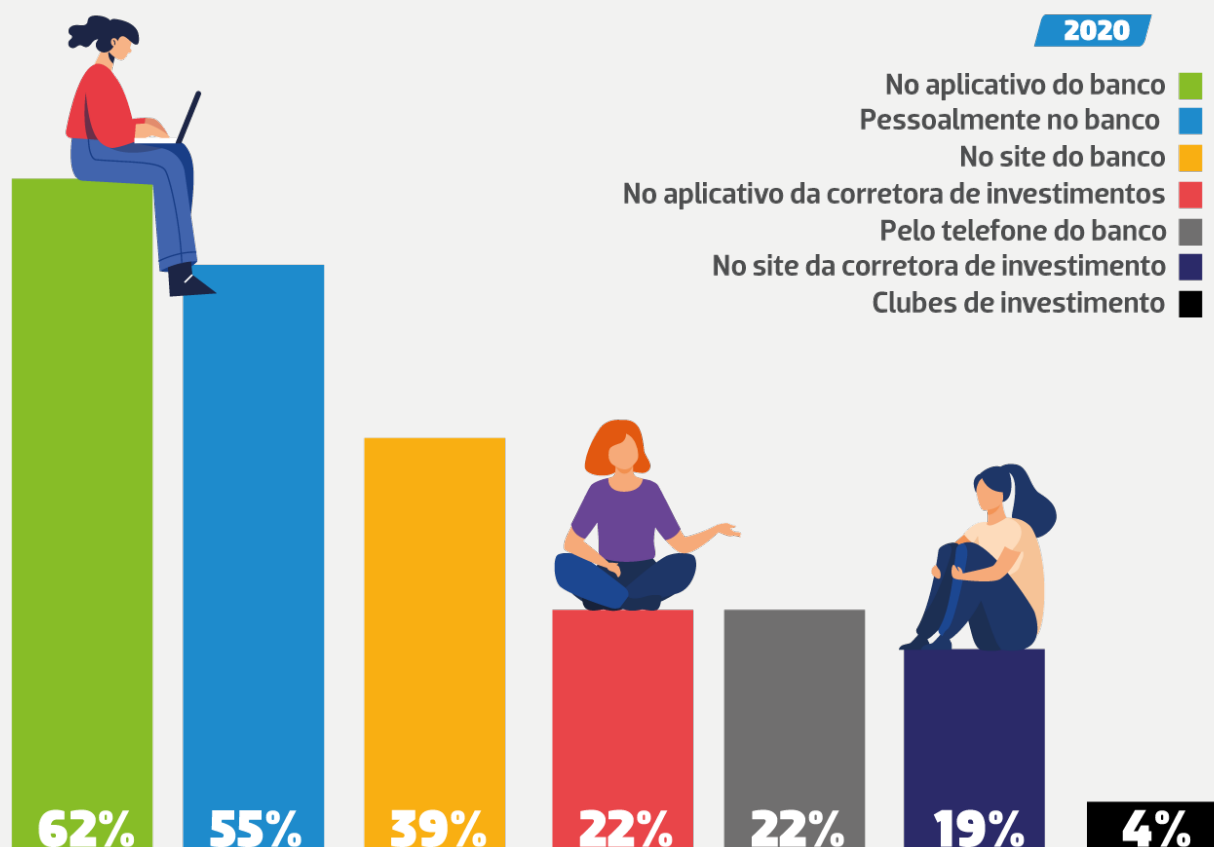
A busca por informação e os meios utilizados para investir

A conversa presencial com o **gerente ou assessor de investimento** continua na liderança quando o assunto é a busca de informações para decidir sobre o melhor destino para as economias: 41% dos investidores indicaram a preferência por esse meio. Os sites de notícias e os amigos e parentes também são opções relevantes, com 18% e 15% de preferência.

Os **meios digitais** ganharam espaço na hora de fazer investimento. Em 2020, pela primeira vez, o **aplicativo do banco** foi a solução mais utilizada, ultrapassando a ida presencial à instituição, que liderava nos dois anos anteriores. O uso do aplicativo mais do que dobrou em 2020, passando de 30% para 62% da preferência como meio para uma aplicação financeira. A visita presencial à agência caiu de 71% em 2019 para 55% um ano depois.

Todas as outras formas de investimento a distância também apresentaram crescimento significativo, como site do banco ou corretora e por telefone.

Meios utilizados para fazer aplicação



Base: INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) | 2019: 1.506 (3 p.p) | 2018: 1.446 (3 p.p.) entrevistas.

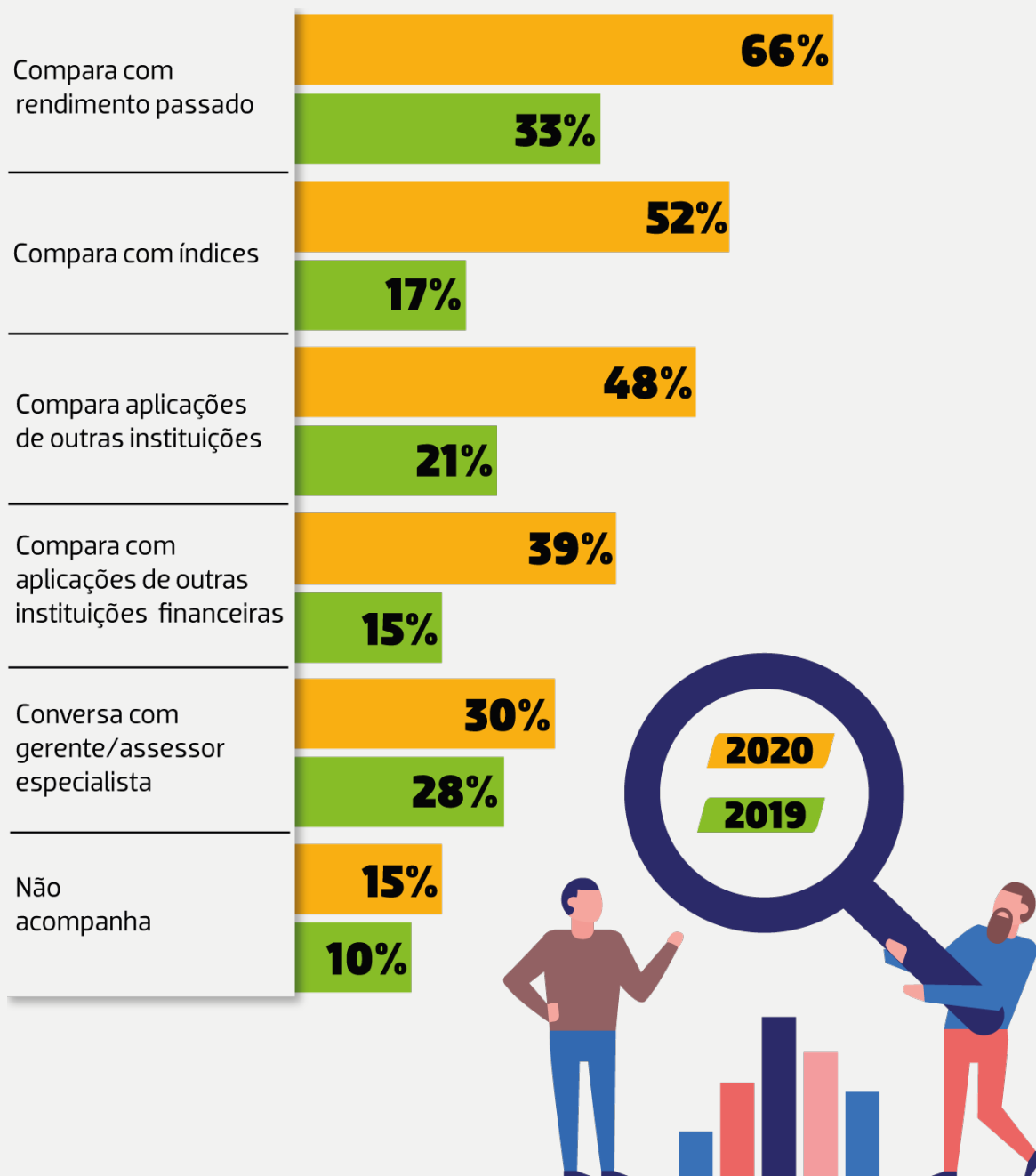


Os investidores brasileiros

Como foram feitas as avaliações dos resultados

Feito o investimento, a comparação com períodos anteriores segue como principal **critério de avaliação** do desempenho: 66% dos investidores indicaram essa preferência. A comparação com outros índices da economia também tem participação relevante, apontada por 52% dos entrevistados.

Modo como avalia o desempenho das aplicações financeiras



Base: INVESTIDORES: 2020: 1.736 (2 p.p) | 2019: 1.506 (3 p.p) | 2018: 1.446 (3 p.p) | 2017: 1.411 (3 p.p.) entrevistas.



Os não investidores brasileiros

Sessenta por cento dos brasileiros **não têm investimentos**. Desse grupo, 55% não têm nenhum dinheiro guardado. A diferença fica por conta de uma parcela da população que utiliza outras formas de aplicar suas reservas.

Entre os não investidores, predominam as pessoas com ensino médio e pertencentes à classe C.





Os não investidores brasileiros

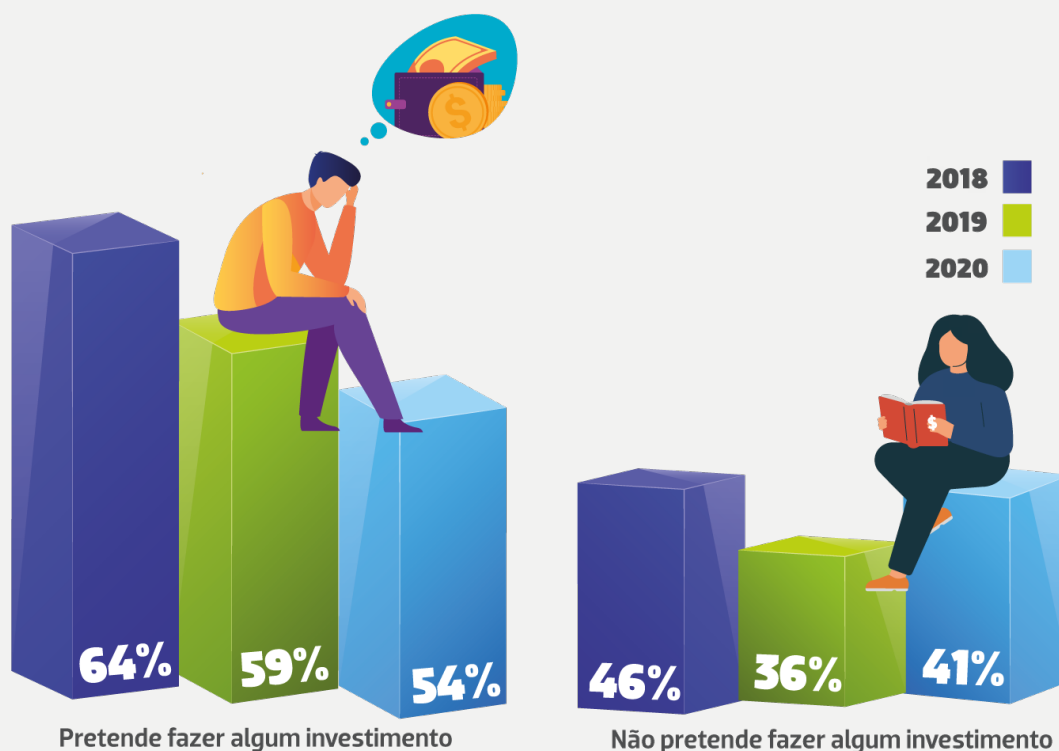
Por que eles não investem

A principal alegação é a **falta de recursos**, mencionada por 74% das pessoas que não guardam dinheiro de jeito nenhum, mesmo índice de 2019. Desses, a falta de dinheiro e os salários baixos são a justificativa para 55% (contra 56% em 2019), enquanto o desemprego ou a subsistência por meio de "bicos" foi apontada por 8% (11% em 2019).

A **pandemia** foi espontaneamente mencionada por uma parcela dos não investidores: 9% indicaram a crise sanitária como motivo para não fazer nenhum tipo de investimento. Já o percentual dos que se sentiram inseguros ou com medo da instabilidade econômica passou de 4% em 2019 para 6% em 2020, movimento idêntico ao verificado entre as pessoas que alegaram falta de conhecimento para investir.

Pretensão de investir em 2021

Entre os **não investidores** caiu ainda mais a pretensão de fazer alguma aplicação financeira: 54% indicaram o desejo de fazer algum tipo de investimento em 2021, percentual inferior aos 59% que manifestavam intenção de investir em 2019. Em contrapartida, aumentou de 41% para 46% a parcela de não investidores que não pretendem fazer qualquer tipo de aplicação em 2021.

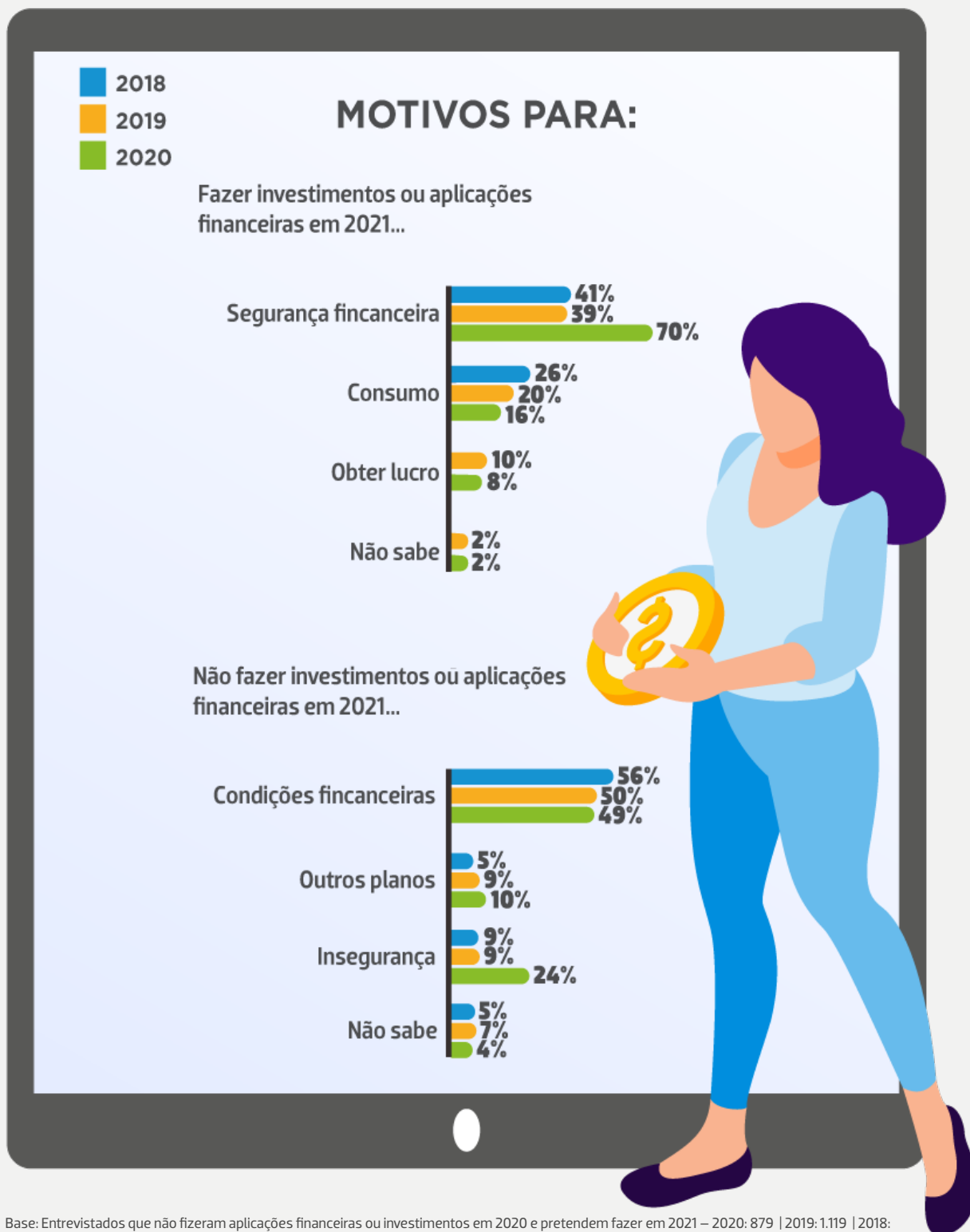


Base: Entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2020 e pretendem fazer em 2021 – 2020: 879 | 2019: 1.119 | 2018: 1.255 entrevistas.
Entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2020 e não pretendem fazer em 2021 – 2020: 764 | 2019: 766 | 2018: 671 entrevistas.



Os não investidores brasileiros

Para os que pretendem investir, a **compra de imóveis permanece na liderança** entre os destinos para o dinheiro economizado, com 32%. O desejo de ter um dinheirinho guardado vem na sequência, com pequena elevação, de 12% para 16% dos entrevistados.



Base: Entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2020 e pretendem fazer em 2021 – 2020: 879 | 2019: 1.119 | 2018: 1.255 entrevistas. Entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2020 e não pretendem fazer em 2021 – 2020: 764 | 2019: 766 | 2018: 671 entrevistas.



Aposentadoria

Como se sustentar na aposentadoria

Caiu mais uma vez o total de brasileiros que apontam o INSS como uma das fontes de renda na **aposentadoria**. Em 2020, 48% dos entrevistados que ainda não estavam aposentados indicaram esse recurso, com queda de 3 pontos percentuais em relação aos 51% do ano anterior. Em compensação, houve um ligeiro aumento (dentro da margem de erro) da proporção dos que acham que vão **viver do próprio salário**: passou de 21% para 23%.

As **aplicações financeiras** foram citadas como futura fonte de receita por 18% dos entrevistados, com ligeiro crescimento em relação aos 14% apurados um ano antes. Nove por cento vão se sustentar com a **previdência privada** e um grupo de 10% não têm ideia de onde virão os recursos que os manterão na aposentadoria. De toda a amostra da pesquisa, 13% são aposentados, o que corresponde a aproximadamente 13 milhões de brasileiros. Deste universo, 86% recebem dinheiro do INSS.

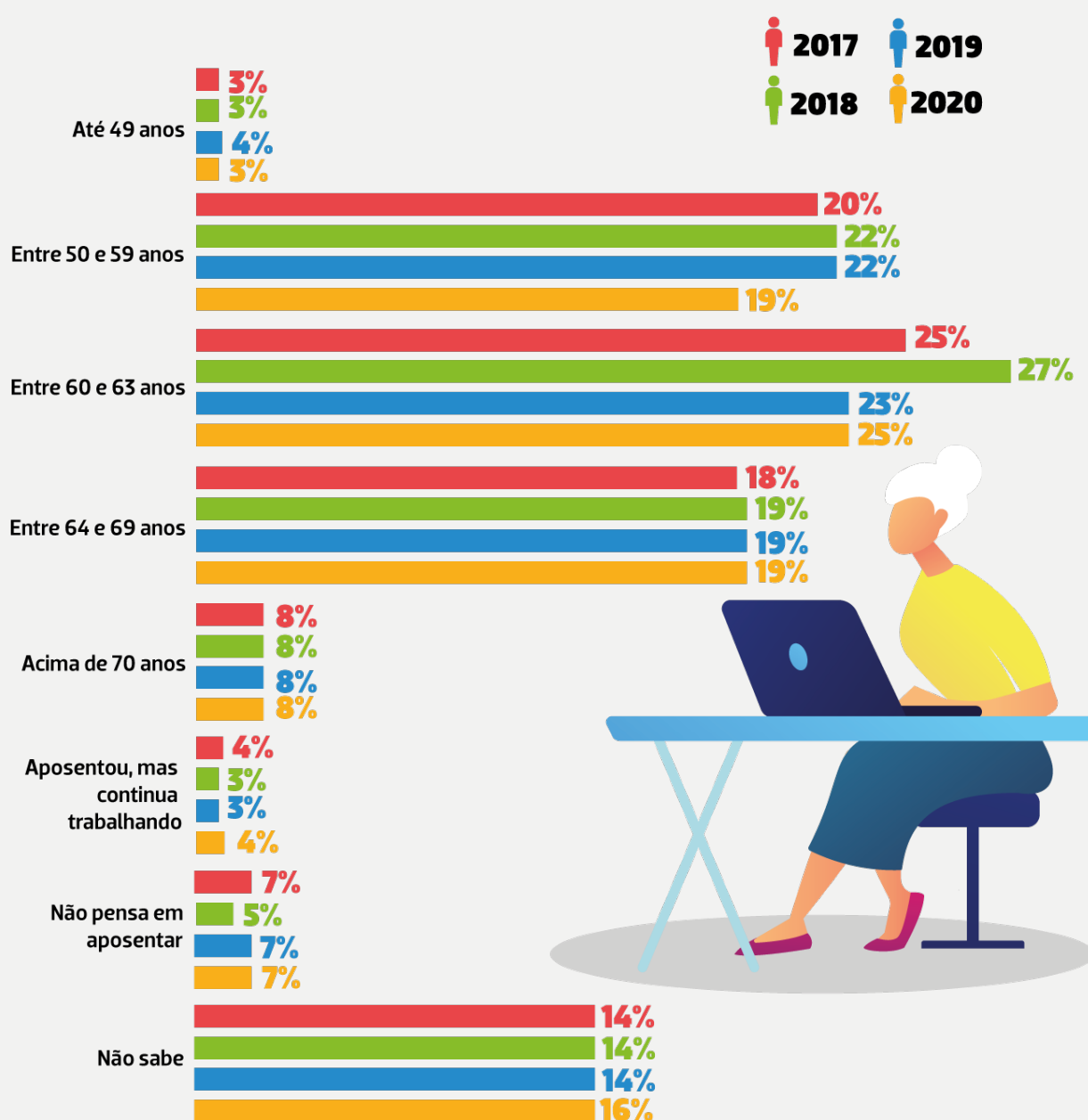




Aposentadoria

A pesquisa mostra que cerca de dois terços da população brasileira economicamente ativa pretendem se aposentar entre 50 e 69 anos, ou seja, com uma média de 60 anos. Houve um ligeiro aumento no número de pessoas com intenção de se aposentar entre 60 e 63 anos, e uma pequena queda na parcela que aponta a idade entre 50 e 59 anos para a aposentadoria. Nas faixas superiores, entre 64 e 69 anos e acima de 70 anos, manteve-se a estabilidade.

Idade com que pretende se aposentar



Base: Entrevistados que não são aposentados ou que são e continuam trabalhando – 2020: 3.009 (2 p.p) | 2019: 2.951 (2 p.p) | 2018: 2.984 (2 p.p) | 2017: 2.919 (2 p.p) entrevistas.



Aposentadoria

Expectativa x Realidade

A expectativa de quem ainda está na ativa é mais otimista do que a realidade enfrentada por quem já se aposentou. Enquanto 42% dos não aposentados acreditam que as suas **despesas vão aumentar** na aposentadoria, uma parcela de aposentados bem superior a essa (54%) confirma essa informação. A realidade dos aposentados também se mostra mais dura do que a expectativa quando o assunto é a vida financeira. Para 43% deles, o padrão de vida piorou; 35% acreditam que melhorou em relação ao período anterior à aposentadoria; e 22% apontam similaridade. Entre os não aposentados, apenas 22% acreditam que a vida vai piorar; 48% acham que vai melhorar e 31%, que se manterá igual.



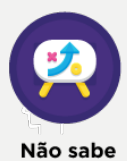
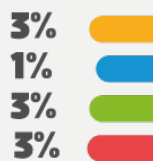
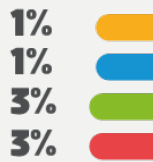
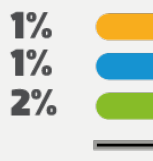
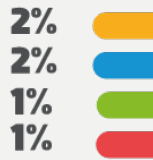
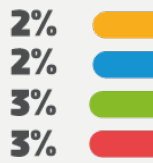
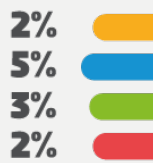
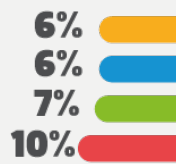


Aposentadoria

De onde vem o dinheiro que te sustenta atualmente



De onde virá o dinheiro que te sustentará na aposentadoria



■ Não investidor 2018
■ Não investidor 2017
■ Não investidor 2019
■ Não investidor 2020

Base: Entrevistados que não são aposentados – 2020: 2.890 | 2019: 2.856 | 2018: 2.910 (2 p.p.) | 2017: 2.813 (2 p.p.) entrevistas.
 Base: Entrevistados que são aposentados – 2020: 399 (4 p.p.) | 2019: 482 (4 p.p.) | 2018: 468 (5 p.p.) | 2017: 455 (5 p.p.) entrevistas.



Big Three

Nos quatro anos da pesquisa, foram aplicadas as mesmas três perguntas sobre finanças, conhecidas como Big Three. Desenvolvido pelas especialistas em educação financeira Annamaria Lusardi (Itália) e Olívia Mitchell (EUA), o método serve para medir o conhecimento da população sobre noções básicas de economia e finanças. As respostas estão divididas entre amostra geral, investidores e não investidores.

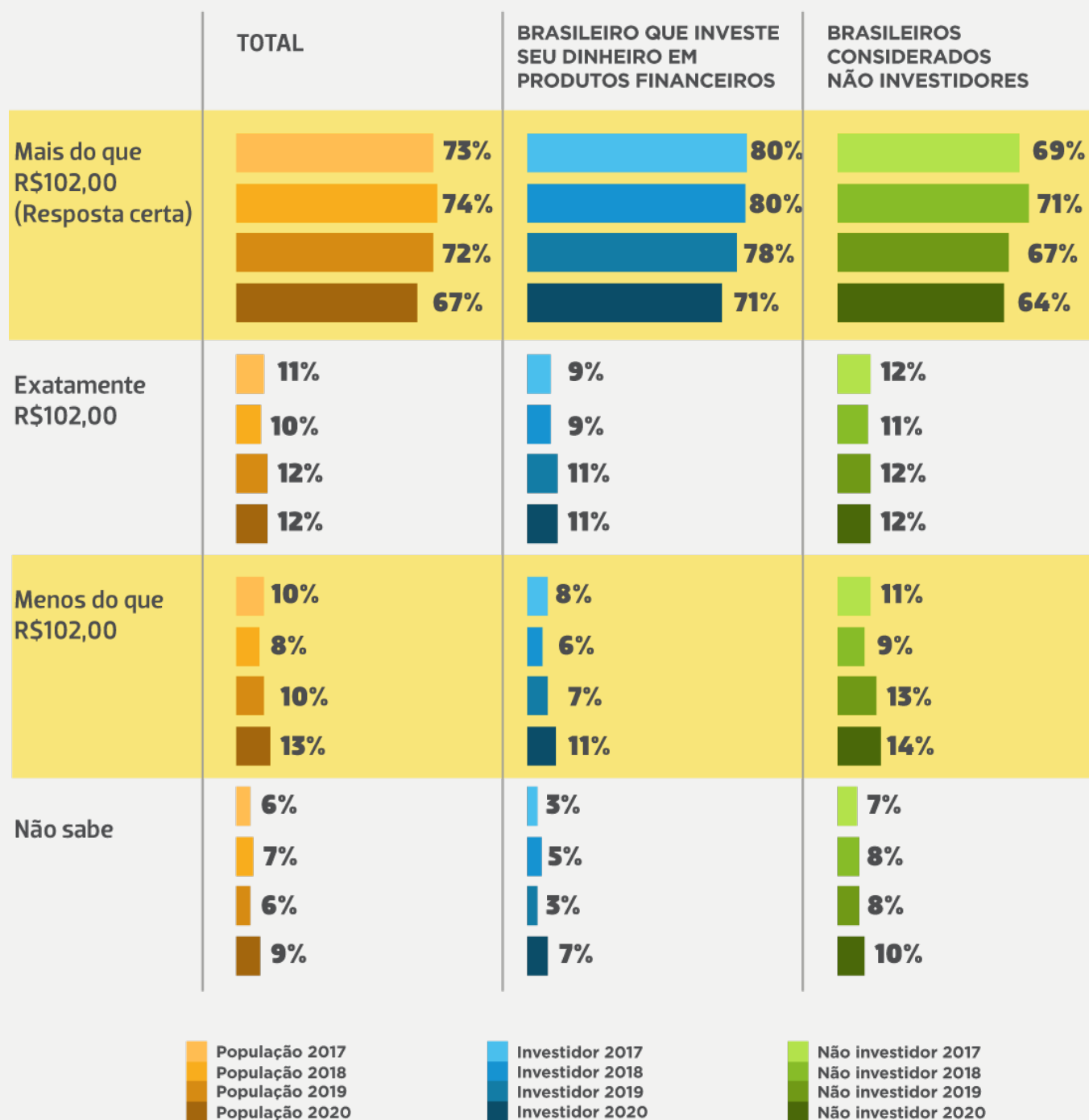




Big Three

Percepção de rendimento da aplicação (juros)

Pergunta A: Suponha que você possui R\$ 100,00 em investimentos financeiros que rendem 2% ao ano. Depois de cinco anos, quanto você imagina que teria de saldo na sua aplicação se deixar o dinheiro aplicado nesse período?



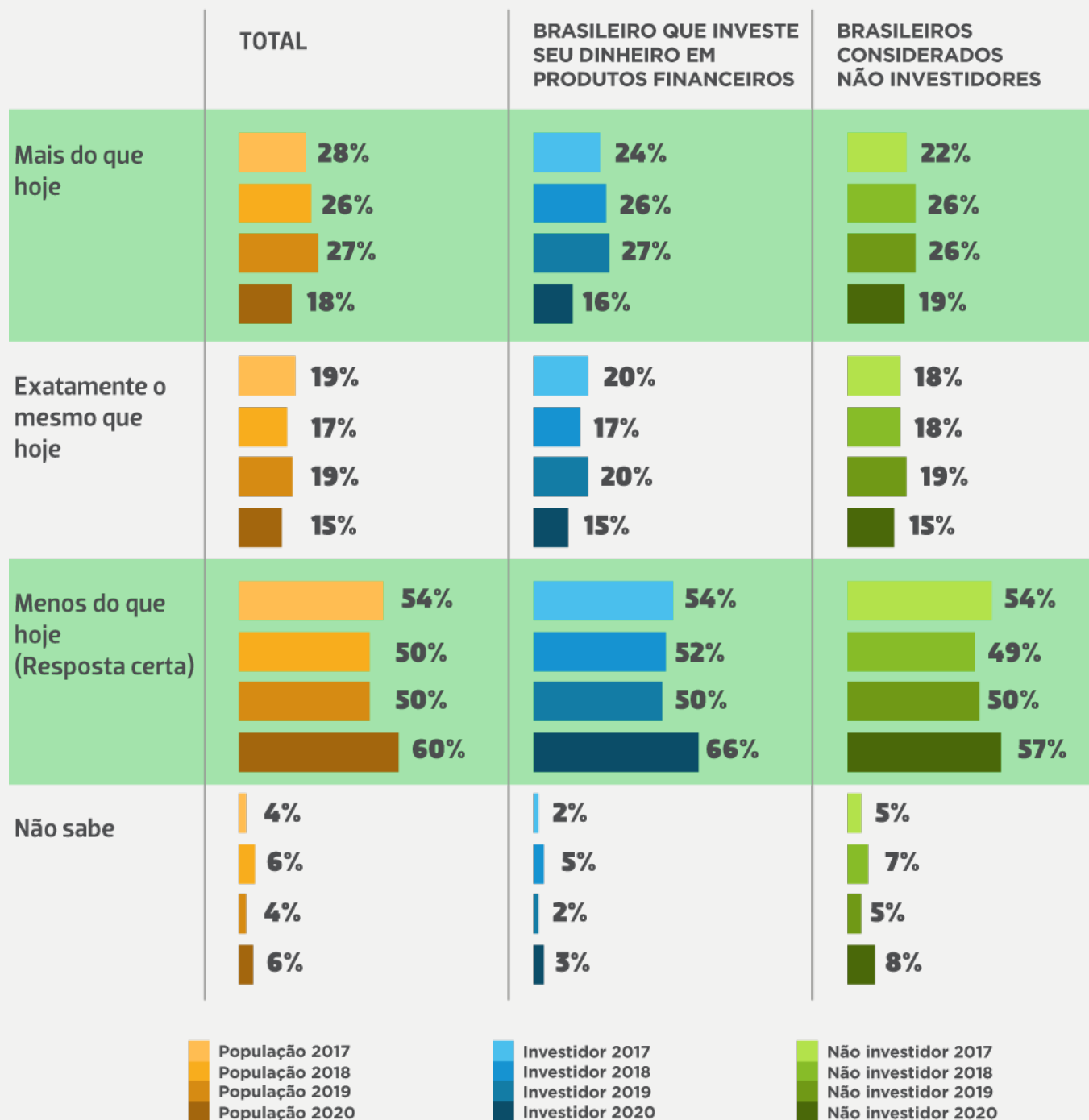
Base: População – 2020: 3.408 | 2019: 3.433 | 2018: 3.452 | 2017: 3.374 | Investidores – 2020: 1.736 | 2019: 1.506 | 2018: 1.446 | 2017: 1.216 | Não investidores – 2020: 1.672 | 2019: 1.885 | 2018: 1.958 | 2017: 1.671.



Big Three

Percepção do poder de compra (inflação)

Pergunta B: Imagine que o rendimento de seu investimento é de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você imagina que poderá comprar com o dinheiro que ficou aplicado nesse período?



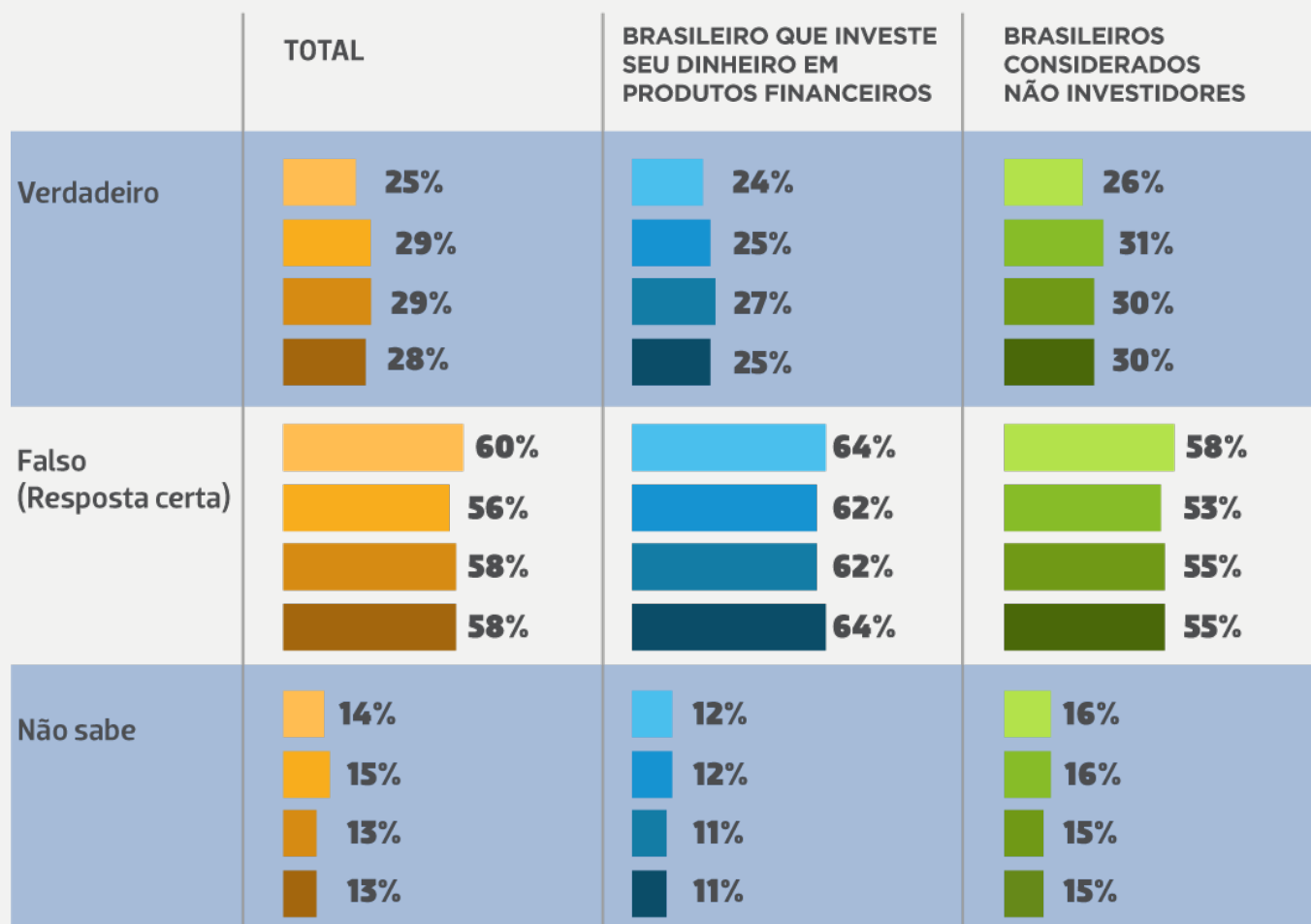
Base: População – 2020: 3.408 | 2019: 3.433 | 2018: 3.452 | 2017: 3.374 | Investidores – 2020: 1.736 | 2019: 1.506 | 2018: 1.446 | 2017: 1.216 | Não investidores – 2020: 1.672 | 2019: 1.885 | 2018: 1.958 | 2017: 1.671.



Big Three

Percepção do risco

Pergunta C: Diga se esta afirmativa é verdadeira ou falsa: "Comprar ações de uma única empresa gera um rendimento mais seguro do que um fundo de ações".



■ População 2017
■ População 2018
■ População 2019
■ População 2020

■ Investidor 2017
■ Investidor 2018
■ Investidor 2019
■ Investidor 2020

■ Não investidor 2017
■ Não investidor 2018
■ Não investidor 2019
■ Não investidor 2020

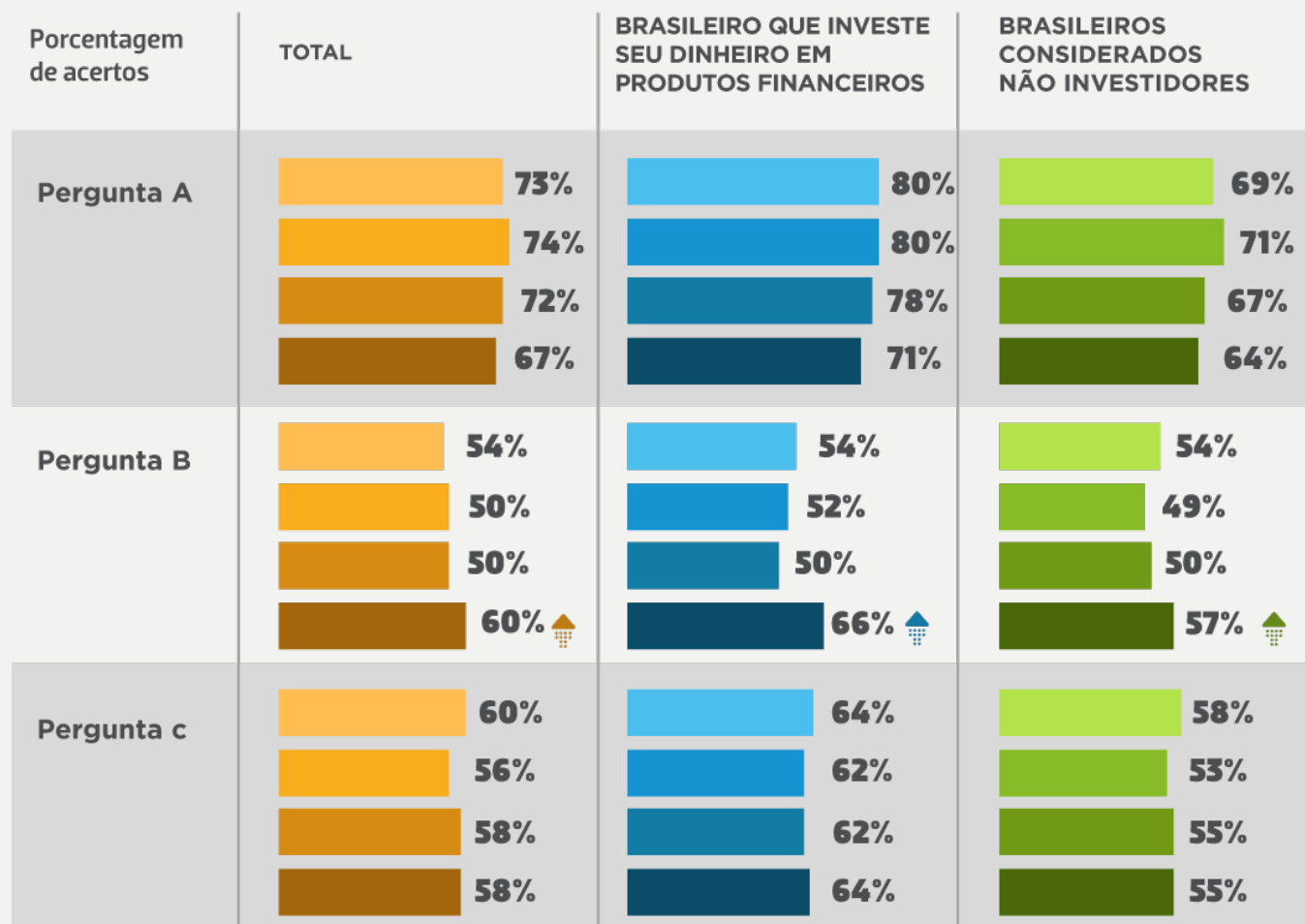
Base: População – 2020: 3.408 | 2019: 3.433 | 2018: 3.452 | 2017: 3.374 | Investidores – 2020: 1.736 | 2019: 1.506 | 2018: 1.446 | 2017: 1.216 | Não investidores – 2020: 1.672 | 2019: 1.885 | 2018: 1.958 | 2017: 1.671.



Big Three

Conclusão sobre o desempenho no "Big Three"

Ao longo do tempo, as respostas corretas são maioria, com maior índice de acerto entre os investidores. Contudo, o percentual de erro ainda é muito grande, principalmente na pergunta B, denotando uma **histórica dificuldade** em detectar a corrosão do valor do dinheiro pela inflação.



■ População 2017
■ População 2018
■ População 2019
■ População 2020

■ Investidor 2017
■ Investidor 2018
■ Investidor 2019
■ Investidor 2020

■ Não investidor 2017
■ Não investidor 2018
■ Não investidor 2019
■ Não investidor 2020

Base: População – 2020: 3.408 | 2019: 3.433 | 2018: 3.452 | 2017: 3.374 | Investidores – 2020: 1.736 | 2019: 1.506 | 2018: 1.446 | 2017: 1.216 | Não investidores – 2020: 1.672 | 2019: 1.885 | 2018: 1.958 | 2017: 1.671.



Conclusão

Realizada em plena pandemia de Covid-19, a quarta edição do Raio X do Investidor Brasileiro não pode ser analisada fora de contexto. Os resultados refletem hábitos e circunstâncias decorrentes desse período.

Muita gente perdeu o emprego ou teve queda na renda; outros pouparam em razão do distanciamento social, que restringiu a ida a bares e restaurantes.

Tudo isso aconteceu em um cenário de juros baixos, o que motivou as pessoas a buscarem alternativas de investimento mais rentáveis. A migração, que já tinha sido detectada no ano anterior, intensificou-se em 2020, com reflexo no portfólio das classes A, B e C.

Esses movimentos estão refletidos nos resultados desta edição do Raio X do Investidor. Ações, títulos privados e fundos ganharam participação no portfólio dos investidores em 2020, enquanto a caderneta de poupança perdeu espaço pela primeira vez em quatro anos.

Também de forma inédita, a compra da casa própria não foi o principal destino para o dinheiro economizado pelas pessoas das classes A, B e C. Em tempos de pandemia, a segurança falou mais alto: a necessidade de manter uma reserva de emergência ou um dinheiro guardado subiu na preferência dos brasileiros.

É inquestionável que os impactos da pandemia não foram homogêneos para todas as classes sociais pesquisadas. E é justamente aí que está uma das riquezas da pesquisa: ela descortina uma série de aprendizados e oportunidades para vários segmentos do mercado, a exemplo das áreas de produtos, de relacionamento com o cliente, *players* focados em educação financeira ou idealizadores de políticas públicas.



Conclusão

Juros baixos

Ao longo de 2020, a taxa Selic alcançou, por alguns meses, o menor patamar da história. Isso motivou um grande número de investidores a migrar da renda fixa para produtos de maior risco. A dúvida que persistia era se as pessoas haviam realmente aprendido como funciona a relação risco-retorno ou se, na hora da incerteza, optariam por voltar para a segurança da renda fixa.

Os dados mostram que não houve fuga para a segurança, mesmo diante da volatilidade percebida no início da pandemia. Passada a forte oscilação do primeiro momento, os mercados registraram entrada de recursos e um crescimento constante no número de investidores. O movimento reflete aprendizado por parte do investidor, que sinaliza ter compreendido que volatilidade é parte inerente do mercado e da busca por melhores resultados.

Com isso, cresceram as aplicações em ações, fundos, títulos públicos e privados, enquanto a poupança perdeu participação. Pela primeira vez, os produtos financeiros ultrapassaram a soma de todos os outros destinos dados para as economias, alcançando uma população estimada em 20 milhões de brasileiros.

Diferença entre classes

Resultados da pesquisa mostram que o ano de 2020 não foi igual para todas as classes sociais. Enquanto as faixas A e B fizeram uma espécie de poupança forçada em função da mudança de hábitos na pandemia, a C foi mais impactada pela perda de emprego e renda.

Com isso, a preferência por produtos financeiros como destino para as economias cresceu entre as pessoas de maior renda e manteve-se estável entre a população da classe C. Esse grupo corresponde a 74% da população que encerrou 2020 sem nenhum dinheiro investido.

A pesquisa identificou uma mudança relevante sobre a opinião das pessoas em relação a guardar dinheiro. A percepção de importância quanto a ter uma reserva financeira foi destacada por brasileiros de todas as classes sociais. A expectativa agora é se isso será capaz de mudar o hábito de planejamento financeiro das pessoas daqui para a frente. É algo a ser acompanhado nas próximas edições do Raio X.



Conclusão

Previdência

O relatório mostra crescimento no número de pessoas que esperam contar com aplicações financeiras e com o próprio salário para compor a renda depois de aposentadas, ao mesmo tempo em que vem diminuindo a proporção das que esperam contar com recursos do INSS.

Ainda que o movimento em direção a um mix maior de estratégias para a aposentadoria seja positivo, não se pode deixar de notar a baixa participação da previdência privada. O pequeno aumento registrado em 2020, ainda que dentro da margem de erro, foi puxado pela classe C, mas aponta que esse público olha mais para as aplicações financeiras do que para a previdência privada quando o assunto é planejamento para a aposentadoria.

Seja por desconhecimento do produto ou de suas vantagens, parte importante da população brasileira não considera essa opção, o que abre uma enorme oportunidade para a criação de mais programas que ajudem as pessoas a se prepararem no longo prazo.

Meios digitais

O investidor continua valorizando o atendimento presencial e o aconselhamento com um profissional, a despeito de toda a digitalização observada no mercado financeiro nos últimos anos.

A pesquisa mostra que as pessoas ainda necessitam conversar com alguém para a tomada de decisão sobre onde colocar o dinheiro, mas o investimento em si é feito por meios eletrônicos, seja pelo aplicativo ou site do banco/corretora.

Isso sugere que o uso dos meios digitais não substitui completamente o contato com os profissionais de investimento. Pelo contrário, mesmo usando os meios digitais, o investidor ainda quer o apoio de um especialista ou profissional antes de decidir onde alocar suas economias.

O resultado aponta para a necessidade de repensar qual será o papel desses profissionais no futuro. O desafio está colocado não só para eles



Conclusão

próprios, mas também para a ANBIMA, responsável por certificar aqueles que desempenham atividades de prospecção e venda de produtos de investimento, assessoria aos gerentes e gestão de recursos.

Aprendizado contínuo

O Raio X do Investidor dá uma série de sinalizações para o futuro: tende a crescer a opção por produtos financeiros como destino para as economias; as pessoas estão mais conscientes quanto à necessidade de formar uma reserva de emergência; o mix de produtos para compor a renda na aposentadoria dá um peso cada vez menor à previdência pública. É certo que a pandemia contribuiu para parte dessa mudança, mas, se a experiência trouxe um real aprendizado, só o tempo poderá confirmar.

É esperado que parte da economia feita em 2020 se converta em consumo no futuro próximo, à medida que a pandemia arrefecer. Mas parte da população despertou para a importância do planejamento.

O nível de conhecimento dos produtos financeiros e a percepção quanto aos seus atributos – como retorno, liquidez, segurança – deixam mensagens importantes para todo o ecossistema de investimento, principalmente de que são necessárias ações diferenciadas para atingir as diferentes classes sociais.

Iniciativas de educação financeira, cada vez mais lideradas pelos vários agentes de mercado, exercem papel importante nesta jornada de aprendizado. Pelo lado do investidor, existe uma crescente busca por mais e mais informação. Para os *players*, entre os quais está a ANBIMA, fica a missão de entender os anseios e o comportamento desse investidor, para alcançá-lo com comunicações mais precisas e produtos adequados. Esperamos que essa edição do Raio X contribua para isso.



Expediente

Raio x do Investidor Brasileiro | 4ª edição | 2021

Superintendência de Comunicação, Marketing e Educação

Marcelo Billi

Coordenação

Marineide Marques

Edição

Antonio Sá

David Castro

Fabiola Benotti

Diagramação e Redação

Advice Comunicação Corporativa

Análise de Dados

Datafolha

Presidente

Carlos Ambrósio

Vice-presidentes

Aroldo Medeiros, Carlos Constantini, Gilberto Duarte, José Eduardo Laloni, Luiz Sorge, Roberto Paris, Sergio Cutolo.

Diretores

Adriano Koelle, Carlos Takahashi, Eduardo Azevedo, Fernando Rabello, Gabriel Cardozo, Gabriel Leal, Jan Karsten, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Lywal Salles Filho, Pedro Juliano, Pedro Rudge, Roberto Paolino Teodoro Lima.

Comitê Executivo

Zeca Doherty, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Eliana Marino, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves, Thiago Baptista.

Rio de Janeiro

Praia de Botafogo, 501 - 704
Bloco II, Botafogo
Rio de Janeiro, RJ
CEP: 22250-042
Tel.: (21) 2104-9300

São Paulo

Av. das Nações Unidas, 8501
21º andar, Pinheiros
São Paulo, SP
CEP: 05425-070
Tel.: (11) 3471 4200
www.ansbima.com.br



Raio X do Investidor Brasileiro

4ª edição